Ser contemporâneo: por onde anda o símbolo?

Aline Pinto¹
Astrid E. M. Ribeiro²
Celso Gutfreind³
Eluza M. N. Enck⁴
Heloísa Zimmermann⁵
Magda B. M. Costa⁶

Resumo: A construção deste trabalho se dá a partir da experiência de cada um dos participantes do grupo em torno de um programa televisivo veiculado nos anos sessenta. A apresentação lúdica e teatral deixava espaço para a fantasia, para a criatividade infantil – facilitadores da construção e do desenvolvimento do processo simbólico e representacional. O próprio processo de elaboração do trabalho se constituiu assim – as ideias foram surgindo como associação livre, como um jogo do rabisco, como uma brincadeira compartilhada e prazerosa, sendo vivenciado no grupo aquilo que o texto propõe.

Palavras chave: Elaboração. Psicanálise contemporânea. Representação. Simbolização. Símbolo.

Introdução

Este trabalho nasceu num Seminário de Formação em Psicanálise da Infância e da Adolescência, na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre,

¹ Membro associado da SBPdePA.

² Membro titular da SBPdePA.

³ Membro titular da SBPdePA.

⁴ Membro titular da SBPdePA.

⁵ Membro do Instituto da SBPdePA.

⁶ Membro do Instituto da SBPdePA.

coordenado por Eluza Nardino Enck. Lia-se a respeito do desenvolvimento da criança com ênfase na importância do processo de simbolização. Estimulado pelas leituras, Celso Gutfreind propôs um texto ficcional, ou uma crônica, conforme aparece no começo do trabalho. O mote era o declínio do símbolo na contemporaneidade. A partir daí, choveram associações à guisa de diálogos no sentido de conversar com o texto que, ludicamente, foi sendo construído na intersubjetividade do grupo. O norte era a importância do símbolo, quando todos se remeteram à sua própria infância. O resultado é o trabalho em si.

Golpe no símbolo – o mote

Morreu o Ted Boy Marino. Acusei o golpe. Foi meu ídolo no final dos anos sessenta. Graças a ele, ganhei o direito de ficar acordado até mais tarde. Graças a ele, imaginava combates com inimigos imaginários. Foi o meu primeiro Dom Quixote. Eu acompanhava as lutas no *telecatch*. Vibrava quando o Ted vencia o Fantomas ou a Múmia. Sofria quando ele perdia, o que era raro. Desabei quando quebraram o seu braço. Eu o imitava. Eu e toda a torcida do Flamengo, do Grêmio, do Inter. Hoje seria como o UFC, com Anderson Silva.

Seria, mas não era. Porque havia uma diferença maior. As lutas livres eram teatrais, um faz de conta, “como se”. Até o menino de cinco anos sabia que não eram de verdade. E todos nós, adultos e crianças, fingíamos juntos. Já o UFC quebra braços de verdade, destroça pernas, arranca pedaços de orelha e pode provocar traumatismos cerebrais.

Lá se vão quatro décadas de golpe ao símbolo. À brincadeira. À possibilidade de imaginar. Hoje, a realidade é imposta cedo e direta demais. As condições de construir o imaginário são mais inóspitas. O problema disso é que somos guerra e festa. Temos, em nós, a guerra do desconhecido, do sem nome, que pulsa com uma violência sem sentido. É mortal. Seria, não houvesse a festa de elaborar tudo isso, e a elaboração passa pela construção do símbolo, e a construção do símbolo passar por estar com o outro. Fingindo, iludindo, brincando, fazendo de conta. Como se...

A sociologia falou disso com Baudrillard e o simulacro. A psicanálise falou disso com Winnicott e o espaço potencial. A poesia falou disso com Quintana e o ritmo salvador. É preciso construir uma película entre o eu e o mundo, um espaço entre nós e a realidade. Essa película tem muito de arte, literatura, música, cinema, dança. E psicanálise. Somos, no fundo, salvos pela representação. Caso contrário, a realidade nos suga com a morte verdadeira e crua, que habita em nós desde o nascimento.

O ritual das lutas livres podia iludir. Crianças encontravam adultos capazes de organizar um espetáculo que representava a violência. Assim era o *telecatch*. O UFC não ritualiza, ele é real. Não ajuda a criar a película, o imaginário, o símbolo. A palavra para a coisa, a dança para sair do caos.

Claro que esses quarenta anos também trouxeram o computador que me ajuda a escrever a película do texto. O diagnóstico por imagem, que nos permite detectar precocemente a doença grave, vivermos por mais tempo para produzir mais textos e encontrar mais gente. Mas o tempo do símbolo foi confiscado.

O efeito disso se faz presente em crianças mais desatentas e menos aptas para subjetivar. Ser atento para construir metáforas faz falta na hora de viver. E de encarar a morte.

Ainda não sei o que farei com a morte do Ted Boy Marino. Mas os rituais de que participava me ajudaram a esperar. A descansar no símbolo onde posso ficar triste à vontade sem que o real venha quebrar meu braço, destroçar minha perna, machucar meu cérebro.

Posso criar e, como criou o Quintana, vir à tona de mais esse naufrágio.

Associação lúdica

A partir do Ted Boy Marino, novas associações foram ocorrendo; surgiu, então, a ideia de fazer como um jogo do rabisco, uma brincadeira em que uma leitura remete a uma associação, a outras leituras, outras escrituras.

Vem a lembrança da preferência por outro personagem, o “Fantomas”, que aparecia como representante do enigmático, usava capa preta, e uma máscara escondia seu rosto. Apesar da “perna dura”, era ágil e vencia todos os bandidos. Sim, porque o Fantomas era do “bem”, o Justiceiro Mascarado! Até hoje existem conjecturas sobre quem teria sido o sujeito ou os sujeitos que vestiram a fantasia; houve alguns atores/lutadores por trás desse personagem que se transformou em um mito da luta livre.

Ted Boy Marino poderia personificar o ídolo, enquanto Fantomas remetia ao mito, ao mistério. Pensou-se na imortalidade do mito, na transcendência de alguns mitos... No mito de Édipo... No quanto os personagens mascarados e misteriosos podem ser usados para neles colocarmos os mistérios que nos interrogam em determinadas épocas (infância, puberdade, adolescência). E, em função disso, o quanto são necessários.

Outro aspecto levantado refere-se ao fato de que a “luta livre” foi censurada na época da ditadura, momento em que a luta deixou de ser ritualizada, coreografada e passou para o horror da concretude da violência tiranicamente exercida.

Heróis, paixão, fantasias e brincadeiras...

Eu não era a única criança encantada por Ted Boy Marino! Ele era ágil, rápido, de um salto mudava de lugar, de posição no ringue e de situação na luta. Sob o olhar de uma menina, ele tinha um corpo atraente, escultural, forte, mas elegante, cabelos louros e olhos claros; eram claros? Ela os enxergava assim. Usava uma capa longa para entrar no ringue – o Ringue12, como era chamado o programa no qual assistíamos a sua apresentação.

Sim era uma apresentação, não uma luta sangrenta, violenta e esfaceladora. Todos nós sabíamos que era um teatro, mas ficávamos na linha que separa o teatro da realidade, como num espaço transicional do qual nos fala Winnicott, nem fantasia nem realidade, mas que também é fantasia e é realidade, algo que se cria ali onde há espaço para ser o que se quer que seja. Dessa ilusão que transita num espaço em que há um eu-não-eu e um outro-não-outro, no sentido de que a força está sempre do lado do herói que derrota o inimigo que sucumbe diante da força e da desenvoltura daquele herói/príncipe. E então se fortalecia a crença de que assim poderia ser para sempre: o bem vencendo o mal, o bom vencendo o mau.

Um príncipe. Assim era Ted Boy Marino para ela. Podia até imaginar o cavalo branco em que sairia quando acabasse a luta. E, de preferência, que ela, tão sonhadora como sempre foi, estivesse em seu caminho diante do que ele se deteria e a convidaria para subir no cavalo e continuar o caminho consigo.

O quê? Ele morreu? Seus sonhos lhe vêm à mente, suas lembranças de si e de seus sentimentos/pensamentos, invadidos de uma tristeza... Esses príncipes morrem?

Na sua mente, a menina daquela época encontrava lembranças e uma sensação em que se agarrava. Uma sensação de continuidade de uma imagem e tudo o que esta suscita. Sim, Ted Boy Marino vive e continuará vivendo nela como símbolo de uma época, de suas fantasias infantis e, principalmente, dela menina, com todo encanto e sonhos de princesa que a povoaram, a encantaram e a formaram. Como a personificação de um ideal de “justiça” do bem, de homens que amam as mulheres e que são por elas amados – príncipes e princesas.

Além do mais, era um programa familiar, todos reunidos para a apresentação divertida, prazerosa também, porque compartilhada.

O brincar inscrito na tela, onde protagonistas éramos todos nós, os que se apresentavam e os que assistiam, brincando de brigar, de lutar, de ficar bravo, com raiva, brincando de fraco e de forte, de bom e mau, de mal e bem, de vingança, de derrota e de vitória. Sentimentos que povoam todas as mentes-coração, muitas vezes, incomunicáveis e, antes disso, inadmitidos.

O brincar deixa espaço para que o imaginário se construa e desenvolva, sem limites, enriquecendo a mente e abrindo caminho para a simbolização. O brincar compartilhado como espaço para o desenvolvimento de relações de objeto construtivas, de referências para as relações sociais.

Mas como se dá quando a concretude se insere sem dar margens para que personagens sejam criados, com seus afetos e possibilidades? A situação já está ali, com o sujeito que a realiza, concretamente, sem faz-de-conta, imposto tal qual aparece e se mostra. A destruição é real.

O brinqueado, no entender de Winnicott, coloca-se num espaço intermediário, no qual o processo de simbolização se ergue e se desenvolve, cresce e dá força, vigor e riqueza ao psiquismo.

A característica do brinqueado é o prazer. A satisfação no brinqueado depende do uso de símbolos (embora, na base, a pulsão provenha do instinto), ou seja, isto representa aquilo; se aquilo é amado, isto pode ser usado e fruído; se aquilo é odiado, isto pode ser derrubado, ferido, morto e restaurado e ferido novamente. A capacidade de brincar é uma conquista no desenvolvimento emocional de toda criança.

E agora pergunta-se: por que proibiram as lutas apresentadas no Ringue12 nos tempos da ditadura? Será que as crianças continuaram brincando, à revelia da “censura”?

Um superego, por demais rígido e punitivo, que espaço dá à construção do simbólico?

E, por outro lado, o que hoje vemos, quando tudo pode, quando as linhas dos limites se encontram borradas e há o arrefecimento das interdições acompanhado do crescimento de exigências de performance e sucesso pessoal, que efeitos isto tem sobre o processo?

O simbólico se cria na falta, na ausência, na interdição, no não

A transformação em ato é uma das características dos tempos atuais, e esta é vista por Winnicott como a aparição do instinto de forma grosseira, juntamente com o fracasso da simbolização. Algo se atravessa e se instala sem que se tenha dado um sentido, sem ter sido criado e construído a partir de um imaginário, algo que ainda não está representado e o conseqüente não desenvolvimento da diferenciação entre realidade e fantasia.

É na representação e no fantasiar que se encontra um campo infinito de ação para as identificações sexuais, assim como para as manifestações agressivas. E para o criar.

Diferente do que vemos hoje, as lutas não eram verdadeiramente embates violentos, mas um teatro cujos atores representavam um papel e mexiam com nossas emoções violentas apresentadas ludicamente. Tela para projeções de nossos mais agressivos sentimentos com possibilidades efetivas de reparação.

Petrella (2005) observa que a exigência de compreender, fantasiar e brincar, ingredientes da psicanálise, com o tempo e as respostas que ela exige, são contrastados e até colocados em choque pelos imperativos da modernidade mais recente, com a exigência – e urgência – de produzir, competir e consumir.

A possibilidade do fantasiar e do brincar abre um campo infinito para a expansão do espaço psíquico, casa que abriga as emoções, os afetos, as dores e os prazeres e se responsabiliza por dar um significado a eles, processando-os e os transformando em produto para um viver criativo. Espaço psíquico com recursos suficientes para gerenciar conflitos de maneira relativamente autônoma.

Diferente disso é quando o espaço psíquico é invadido por realidades não suportáveis, não possíveis de serem abrigadas, processadas e transformadas, e o que se verifica é o transbordamento via urgência e ação.

Jeammet e Corcos (2005) verificaram que o transbordamento dos conflitos do adolescente sobre o mundo externo, por um lado, e um sentimento de uma invasão excessiva sobre seu espaço psíquico, advinda dos conflitos do seu círculo familiar, durante a infância, por outro, se colocam frente a frente, como uma relação de espelho.

Trata-se da perda da proteção narcísica diante da não interdição.

O fantasiado e projetado nos personagens derrotados pelo herói, ou mesmo em situações em que o herói sucumbia, permitia criar um objeto a ser usado, “usá-lo”, no sentido de Winnicott, como objeto? Criar um mundo em que sonhos e desejos podem se realizar e em que medos e temores podem se transformar.

Encontro emocional criativo

Por não ter conhecido o Ted, a Múmia e o Fantomas, em um primeiro momento um de nós se sentiu fora da “brincadeira” que se instalou no seminário.

Cada um contava da sua relação com esses personagens de forma tão intensa, divertida, que o clima se tornou contagiante. O que levou a que passasse a lembrar de sua infância, que era povoada por outros personagens que cumpriam a função de dar colorido, lidar com os medos e com as paixões.

Dessa forma pode se incluir e participar da “brincadeira”.

Um certo “saudosismo” pairava no ar em cada depoimento que era dado. Uma “saudade boa”, que nos emocionava só de contar.

Brincar com objetos de ilusão do passado geram um estado mental saudosista, diferente do devido momento em que o jogo transicional foi vivido.

Pensamos no poder mágico das lembranças da infância que continuam a pulsar dentro de nós, que nos sustentaram na trilha da vida e que continuam tendo essa função.

Algo que ressurge na vida adulta, em uma conversa entre amigos e colegas que possibilita um novo brincar.

Assim como pensamos na imortalidade do mito, também pensamos na imortalidade do potencial criativo que guardamos dentro de nós e que vem à tona principalmente quando temos companheiros e parceiros para brincar.

Sigamos podendo brincar e construir muitas “colchas de retalhos”.

Ted, Fantomas e a Múmia são como o carretel retirado do fundo da gaveta. Eles emocionam, geram saudades e lembranças compartilhadas, mas o Ringue 12 atualizado é o encontro emocional criativo de escrevermos em grupo.

Conclusão

Em termos de conteúdo, nossas conclusões apontam algumas pistas: entre elas, a ideia de que, fora da simbolização, não tem solução. A isto nos dedicamos, essencialmente, nas psicanálises de adultos ou crianças.

Também sugerem que há um declínio dessa função e que justo a psicanálise pode ser um espaço de defendê-la, espécie de guardião das capacidades simbólicas e lúdicas.

Mas parece vir da forma a conclusão essencial. De um trabalho feito, estando junto, resgatando infâncias, promovendo encontro, tentando brincar a partir de quem somos. É sobretudo esse jeito que queremos guardar como analistas.

Estando com o outro.

E agora, como por obra do “acaso”, reencontramos este texto, nunca publicado – não sabemos o porquê – e que temporal em sua atemporalidade (e vice-versa) parece nos reencontrar apropriadamente, num momento em que o lúdico ainda mais nos convoca para encontrarmos formas outras de estar com o outro.

The contemporary being: Where is the symbol?

Abstract: The construction of this work takes place from the experience of each of the group participants around a television program broadcast in the

sixties. The playful and theatrical presentation, left room for fantasy and for infantile's creativity – facilitators of the construction and development of the symbolic and representational process.

The very elaboration process of this work happened this way – the ideas were emerging as free association, as a game of scribble and a shared and pleasant play, being experienced by the group what the text proposes.

Keywords: Contemporary psychoanalysis. Elaboration. Representation. Symbol. Symbolisation.

Referências

Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In L. A. Hanns (Trad.), *Obras psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914)

Jeammet, P., & Corcos, M. (2005). Implicações diagnósticas e terapêuticas. In *Novas problemáticas da adolescência: Evolução e manejo da dependência* (Cap. 5). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Pavlovsky, E. (1990), *Espacios y creatividad*. Buenos Aires: Ediciones Búsqueda de AYLLY S.R.L. (Original publicado em 1980)

Petrella, F. (2005). I disagi della psicoanalisi nella post-modernità. *Psiche*, 2(13), 31-46.

Quintana, M. (2005). *Melhores poemas*. F. Cunha (Org.). São Paulo: Global Editora.

Winnicott, D. W. (1975). *Jeu et réalité – L'espace potentiel*. Paris: Gallimard. (Original publicado em 1971)

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 17/08/2020

Aceito em: 27/10/2020

Eluza Maria Nardino Enck
Av. Plínio Brasil Milano, 757 Conj. 1001
90520-002 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: eluzanardino@gmail.com